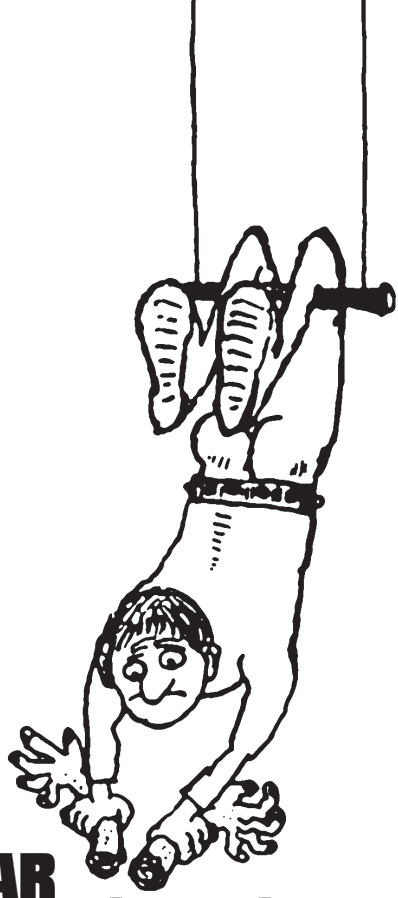




**NINGUÉM É
PERFEITO**



JAGUAR
NINGUÉM É
PERFEITO

PREFÁCIO DA MAFALDA



DESIDERATA



MAFALDA OPINA

IMPERFEITOS COMO JAGUAR
RECONCILIAM QUALQUER UM COM AS
IMPERFEIÇÕES DA VIDA



RETRATO DO ARTISTA QUANDO JOVEM QUARENTÃO

PREFÁCIO DA VERSÃO ORIGINAL (1973)

Que posso dizer a meu respeito? Como já disse, estou entrando nos 40, sou tímido, meio careca, preguiçoso e prefiro beber a desenhar. Deixando de lado uma certa habilidade de imaginar situações ridículas e ilustrá-las com humor, não sei fazer mais nada: cozinhar, arrumar o quarto, dançar, cantar, tocar algum instrumento, falar outros idiomas, jogar futebol, pôquer e xadrez. Dirijo mal, sou mau datilógrafo (durante 17 anos fui funcionário do Banco do Brasil). Péssimo aluno (expulso cinco vezes de vários colégios), sou incapaz de preencher sem ajuda a declaração de imposto de renda e não tenho o menor tino comercial. Sei que ninguém é perfeito, mas eu exagero.

Dizem que meus personagens são grotescos. Isso me surpreende, pois são menos grotescos do que eu. Faz tempo que desisti de transmitir com precisão, através do desenho, o que vejo na cara das pessoas que passam por mim nas ruas. E o que vejo me dá vontade de vomitar (gênese do Gastão, o vomitador). Ser humorista talvez signifique ver, com

maior nitidez que as demais pessoas, o que há de precário na realidade.

Ao contrário de muitos humoristas, não detesto a humanidade. Creio que poderia ser pior. Tudo o que desejo é que as pessoas se comportem com mais compostura. Mas isso acontece poucas vezes, inclusive comigo. No entanto, não deveria me queixar. Se as pessoas se comportassem melhor, nós, humoristas, perderíamos o emprego e a razão de ser.

O progresso do espírito humano é incredivelmente lerdo, ou, pensando melhor, nulo. Mas é fascinante como a vida continua. Nada, nenhuma religião, nenhuma política, nenhum governo, nenhuma revolução, nenhuma doutrina, contribuiu com algo para melhorar o espírito: o homem continua sendo o mesmo ser confuso e lamentável de sempre, mas a vida continua. Ninguém é perfeito, mas poderia ser pior. É isso o que eu penso. E é o que meu trabalho pretende transmitir.

O BRIOCHE E O MATAMBRE

Este livro tem uma história bem mais interessante do que o próprio livro.

Eu estava no Lamas tomando meu chope com genebra com o Carlão Kroeber, quando fui abordado por um argentino de fino trato que se apresentou como dono de uma vinícola em Mendoza. “Oba!”, pensei, “será que vou ganhar uma caixa de vinho?” Não, ele estava planejando mudar de ramo e abrir uma editora em Buenos Aires. E queria começar publicando uma coleção de livros de cartunistas da América Latina. É claro que topei na hora,

mesmo porque era a oportunidade de conhecer a capital argentina. Na época – estávamos em 1972 – *O Pasquim* estava no auge, vendendo 200 mil exemplares, apesar da censura, das prisões e dos processos (só eu peguei 18), e eu era o editor de humor do jornalco. No dia seguinte, entreguei ao cara (do qual não lembro o nome) um monte de desenhos que peguei no arquivo da redação. E esqueci a história, como faço sempre depois de um porre.

Dois meses mais tarde, o argentino me telefonou para marcar a data do lançamento do livro em Buenos Aires. Mandou passagem – primeira classe! Naquele tempo, viajar de avião era coisa de gente rica; hoje, os aeroportos parecem rodoviárias, com sujeitos embarcando de bermuda, tênis, camiseta e mochila... Fiquei hospedado num vetusto hotel, estilo inglês até no nome, o Claridge. Fui aos principais programas de rádio e televisão, da noite para o dia virei figurinha fácil na cidade, todo mundo me reconhecia nas *calles*.

O lançamento no bar do Claridge foi um sucesso, com a Mafalda, do Quino, apresentando o livro. Não houve autógrafos. Achei muito chique o autor não ficar assinando livros enquanto o pessoal conversava e bebericava. Jornalistas, escritores e artistas da cidade estavam presentes: Quino e praticamente todos os desenhistas de humor, do mestre Oski a Fontanarossa, e três caras inseparáveis, meio hippies, de sandálias e mochilas de pano, que já tinham me visitado na redação d'*O Pasquim*: Blanquito, Pancho e Eduardo. Hoje, seriam os chargistas do Mercosul. Eu os chamava de “os três mosqueteiros do cartum”. As voltas que o mundo dá: Blanquito morreu, e Eduardo parou de desenhar; virou Eduardo Galeano, o celebrado autor de *As Veias Abertas da América Latina*.

Pancho é chargista do *Le Monde*. Foi ele quem me mandou, xerocado, 27 anos depois, um exemplar do livro, do qual nem me lembrava o título – perdi o meu em uma das minhas separações. Era mais radical que o Vinicius: ele saía dos seus casamentos só levando a escova de dentes, eu nem isso.

Fiz grandes amizades naquele remoto lançamento em 1973. Manuel Puig, principalmente. Ele estava com seu namorado, os dois com estilo dark, pálidos e vestidos de preto da cabeça aos pés. Quando disse me sentir frustrado por estar em Buenos Aires sem poder comer carne (a Argentina estava em crise financeira, toda a carne era para exportação, era *La Veda* – proibição), o casal me convidou para um churrasco no apartamento deles – tinham contrabandeado uma peça de filé (o famoso jeitinho portenho). Não me lembro do nome do namorado do Puig, mas era autor de um romance muito bom, *Los Perros*. Convenci Puig a visitar o Rio. Alugou um apartamento na rua Aperana. Eu galinhava muito e levava as moças para seu apartamento, que era amplo, com vários quartos. Fiz uma vaquinha entre amigos e levantamos uma grana para encenar *O Beijo da Mulher Aranha*, com Rubens Corrêa e Ivan Albuquerque, um tremendo sucesso, que depois virou filme em Hollywood. Mas Puig era um cara inquieto, foi para o México, onde morreu de maneira misteriosa.

Fiquei uma semana em Buenos Aires. Sábat, a grande estrela do *Clarín*, o maior jornal argentino, convenceu o editor a me contratar, alternando com Fontanarosa. Cheguei a assinar contrato e a combinar salário. Voltei para o Brasil no dia do desfile da Banda de Ipanema, caí de novo na gandaia e nunca mandei um desenho pra eles. Em geral, não me arre-

pendo das besteiras que faço, mas essa foi de lascar.

Quino, que conheci no lançamento do livro e que desenhou a Mafalda na apresentação, me convidou para passar um fim de semana na sua casa às margens do rio Tigre. Aproveitei a oportunidade para dizer que o considerava o mais criativo cartunista do mundo. Mas insisti que, se continuasse desenhando a Mafalda (que no fundo era uma adaptação latina dos *Peanuts*), endureceria seu traço. História em quadrinhos e cartum são incompatíveis; na minha opinião, o cara tem optar. Uma semana depois, Quino anunciou que nunca mais faria uma tira da Mafalda. É claro que não o levei a isso: já deveria estar remoendo essa idéia e o meu palpito talvez tenha sido a gota d'água.

Apesar do sucesso do livro, não houve outro lançamento e a editora fechou. Sábat e outros desenhistas ficaram indignados com o aspecto gráfico, acharam muito rococó, alambicado, e que não tinha nada a ver com as grossuras do Gastão, o vomitador, e do Bóris, o homem-tronco. Na opinião do Sábat, em carioquês chulé, parecia “coisa de viado”.

Pra mim valeu. Conheci Buenos Aires em grande estilo. E fiz amigos que, mais de 35 anos depois, permanecem até hoje.

Joguar

